



A bondade de Deus no templo e na natureza: uma leitura verde do salmo 65

The goodness of God in the temple and in nature: a green reading of psalm 65

*Matthias Grenzer**

PUC-SP

*José Ancelmo Santos Dantas***

PUC-SP

*Paulo Freitas Barros****

PUC-SP

Recebido em: 14/03/2023. Aceito em: 10/04/2023.

Resumo: À procura de discursos propositivos e marcantes, capazes de provocar conversões e mudanças de paradigmas em vista das questões socioambientais, busca-se aqui um estudo do Salmo 65. Trata-se de um poema lírico, isto é, de um texto religioso que é arte. Existem densidade de linguagem, brevidade, ritmo e o emprego de imagens. Dessa forma, nascido no Israel antigo no decorrer do primeiro milênio a.C., o poema olha para diversos espaços geográficos: o templo no Sião (vv. 2-5), as regiões longínquas (vv. 6-9), o campo e a rica produção agrícola dele (vv. 10-14). Essa última parte do Salmo 65 deve

* Doutor em Teologia pela Faculdade de Filosofia e Teologia St. Georgen em Frankfurt, Alemanha, e Mestre em História pela PUC-SP. Professor na Faculdade de Teologia da PUC-SP e líder do Grupo de Pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento).

Contato: mgrenzer@pucsp.br.

** Mestre e doutorando em Teologia no Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP. Membro do Grupo de Pesquisa TIAT.

Contato: ancelfmo_dantas@outlook.com.

*** Mestre e doutorando em Teologia no Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP. Membro do Grupo de Pesquisa TIAT.

Contato: pfreitasbarros@yahoo.com.br.





ganhar maior atenção neste estudo. De um lado, pois, ao contemplar a beleza e a produtividade da terra, a oração bíblica em questão convida seu/sua orante a refletir sobre o bom funcionamento do ecossistema. De outro lado, existe a possibilidade de descobrir o quanto, semelhante ao templo, a natureza espelha e/ou manifesta a bondade divina e canta seu próprio canto de louvor a Deus. O estudo se encaixa no que hoje comumente é chamado de “leitura verde” da Bíblia.

Palavras-chave: salmos; leitura verde; ecoespiritualidade.

Abstract: *In search for propositional and striking discourses, capable of provoking conversions and paradigm shifts in view of socio-environmental issues, we seek here a study of Psalm 65. It is a lyric poem or a religious text that is art. There is density of language, brevity, rhythm, and the use of images. Thus, written in ancient Israel during the first millennium ACE, the poem looks at various geographical spaces: the temple in Zion (vv. 2-5), the distant regions (vv. 6-9), and the countryside with its rich agricultural production (vv. 10-14). This last part of Psalm 65 will receive more attention in this study, because, by contemplating the beauty and productivity of the land, the biblical prayer in question invites its reader to reflect on the proper functioning of the ecosystem. On the other hand, there is the possibility of discovering how, like the temple, nature mirrors and/or manifests divine goodness and sings its own song of praise to God. The study fits into what today is commonly called the ‘green reading’ of the Bible.*

Keywords: psalms; green reading; eco-spirituality.

Introdução

O livro dos Salmos convida os seus ouvintes-leitores e/ou orantes a encontrarem-se com Deus e consigo mesmos, isto é, com o ser humano. Além disso, porém, os cento e cinquenta poemas líricos também favorecem um olhar respeitoso e maravilhado para os demais seres, os quais, neste mundo, coexistem com o homem e com a mulher. De forma intensa e múltipla, contempla-se a flora e a fauna, assim como os elementos que possibilitam a vida dos vegetais e animais, isto é, o ar, a água, o solo e o calor.¹

Assim, em vista das questões ecológicas que hoje afligem o mundo, as orações bíblicas em questão se tornam uma esperança, uma vez

¹ Em relação à água, às árvores e aos pássaros nos Salmos, cf. as seguintes pesquisas: GRENZER, Matthias; RAMOS, Marivan Soares. Água nos Salmos: Elementos para uma ecoespiritualidade. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 80, n. 317, p. 750-763, 2020; GRENZER, Matthias; AGOSTINHO, Leonardo Henrique Silva. Árvores nos Salmos: Elementos para uma educação espiritual e ambiental. In: *Encontros Teológicos*, v. 36, n. 2, p. 439-456, 2021; GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas; DANTAS, José Ancelmo Santos. Pássaros nos Salmos: Elementos para uma ecoespiritualidade. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 82, n. 321, p. 115-129, 2022.



que, entre “os instrumentos que os humanos possuem para redesenhar a cultura”, “dois dos mais importantes são a religião e a arte”, e “os Salmos existem precisamente no nexo destes dois”.² Afinal, para adotar determinados comportamentos, investindo em transformações e/ou conversões, a pessoa precisa estar convicta, ou seja, disposta a pôr sua fé na causa. Ao mesmo tempo, é necessário haver uma compreensão profunda e, ao mesmo tempo, resumida da realidade. A poesia lírica garante ambas as coisas.

Portanto, a seguinte *leitura verde* do Salmo 65 procura “recuperar a voz da terra” presente nesse texto milenar, identificando-a como “caráter ativo”.³ Não obstante, apesar desse enfoque temático, o exercício exegético se propõe a ler o poema inteiro, sem isolar algumas linhas do poema de seu contexto literário mais imediato. Enfim, o texto precisa poder dizer todas as suas palavras. E, às vezes, determinada temática começa justamente a brilhar à medida que outras temáticas se juntam.⁴

1 Título (v. 1)

Eis as palavras que encabeçam o poema lírico no Salmo 65 na Bíblia Hebraica:⁵

(1a) Para o dirigente. Um salmo. De Davi. Um canto.

O conceito “dirigente” ou “mestre de música” (v. 1a), em princípio, “pressupõe que o Salmo, outrora, foi apresentado liturgicamente por várias pessoas”.⁶ Nesse sentido, o vocábulo traduzido como “Salmo” (v. 1a) traz a ideia de que o “canto” (v. 1a) não é somente vocal, mas

² RENSBERGER, David. Ecological Use of the Psalms. In: BROWN, William P. (ed.). *The Oxford Handbook of the Psalms*. New York: Oxford University Press, 2014. p. 608.

³ HORRELL, David G. Ecological Hermeneutics: Origins, Approaches, and Prospects. In: MARLOW, Hilary; HARRIS, Mark (ed.). *The Oxford Handbook of The Bible and Ecology*. Oxford: University Press, 2022. p. 25.

⁴ Um exercício semelhante foi realizado com o Salmo 92: GRENZER, Matthias. Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro. Ecoespiritualidade no Salmo 92. In: *Atualidade Teológica*, v. 24, n. 64, p. 66-86, 2020.

⁵ Todos os textos bíblicos citados neste Artigo são apresentados com tradução própria. Para acessar o texto hebraico, foi usada a seguinte edição crítica: ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (ed.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

⁶ BÖHLER, Dieter. *Psalmen 1-50*. Freiburg: Herder, 2021. p. 48.



instrumental. Isto é, há o uso de instrumentos musicais para acompanhar as palavras cantadas. Portanto, é poesia lírica encenada. Quem a apresenta convida à escuta prazerosa e à reflexão.

A preposição que, no texto hebraico, introduz o nome do segundo rei de Israel, fundador de dinastia e representante do projeto monárquico, literalmente significa “em relação a”, “por” ou até “para Davi” (v. 1a). Não prevalece, necessariamente, a ideia de que Davi seja o autor do Salmo 65, mas que o canto a seguir (vv. 2-14) lhe é atribuído. Eis o que um governante, em qualquer período, deve pensar, dizer e/ou cantar. Junto a isso, o “eu” no v. 4a “não fica no anonimato; o nome dele é Davi”.⁷ Enfim, desde o início, o poema religioso aqui investigado ganha concretude por aparecerem suas dimensões políticas.

2 Primeira estrofe (vv. 2-5)

Seja escutada e/ou lida, então, a primeira unidade literária e/ou estrofe da oração poética presente no Salmo 65:

- (2a) Para ti, silêncio é louvor, ó Deus em Sião,
- (2b) e para ti cumpre-se um voto.
- (3a) Ó escutador de uma oração:
- (3b) a ti chega toda carne.
- (4a) Palavras de delitos se tornaram mais valentes do que eu:
- (4b) nossas rebeldias, tu as expias.
- (5a) Feliz quem escolhes e fazes aproximar-se:
- (5b) habitará teus átrios.
- (5c) Queremos saciar-nos com a bondade de tua casa,
- (5d) a santidade de teu templo.

Ao observar os espaços geográficos e/ou os locais mencionados no Salmo 65, percebe-se, em relação aos vv. 2-5, uma moldura e/ou inclusão, detalhe que ajuda a detectar os limites da primeira unidade literária do poema. No início da estrofe, o ouvinte-leitor é convidado a olhar para o “Sião” (v. 2a), monte sobre o qual está Jerusalém. No final dela, visa-se, de forma tríplice, a construção mais significativa no topo do monte Sião, que é o “templo” (v. 5d) ou a “casa” de Deus (v. 5c), com

⁷ WIERINGEN, Archibald L. H. M. van. Psalm 65 as Non-Appropriation Theology. *In: Biblica*, v. 95, n. 2, p. 188, 2014.



os seus “átrios” (v. 5b). Com isso, os espaços mencionados na primeira estrofe (vv. 2-5) se distinguem ora dos “extremos da terra” (vv. 6b.9a), dos “mares” (vv. 6b.8a) e dos demais “montes” (v. 7a), contemplados como casa da humanidade na segunda estrofe (vv. 6-9), ora da “terra” (v. 10) no sentido de campo, com as “trilhas” (v. 12b), “pastagens desérticas” (v. 13a), “colinas” (v. 13b), “prados” (v. 14a) e “vales” (v. 14b), região onde se planta e se pastoreiam animais, espaço visado na terceira estrofe (vv. 10-14).

Outras observações reforçam a impressão de que os vv. 2-5 formam uma unidade literária. O orante se refere doze vezes a Deus. Ora usa os vocábulos “Deus” (v. 2a) e “escutador” (v. 3a) como apelativos, a fim de interpelar seu interlocutor. Ora emprega sete vezes o pronome da segunda pessoa singular – cf. o pronome “tu” (v. 4b) e os seis sufixos pronominais da segunda pessoa singular masculino, traduzidos como pronomes oblíquos ou possessivos: “para ti” (vv. 2a.b), “a ti” (v. 3b), “teus átrios” (v. 5b), “tua casa” (v. 5c) e “teu templo” (v. 5d) – e três verbos flexionados na segunda pessoa masculino singular, sendo que Deus é o sujeito – cf. “expias” (v. 4b), “escolhes” (v. 5a) e “fazes aproximar-se” (v. 5a). Tanto o número doze como o número sete são usados como elemento estilístico, acompanhados das conotações de inteireza, completude e/ou perfeição. Deve-se perceber também que o vocábulo “Deus” (vv. 2a.6a.10c) aparece três vezes no Salmo 65, marcando o início de cada estrofe. Enfim, “durante todo o poema, Deus é endereçado” por quem reza aqui.⁸

Como prometido no título, a presente leitura do Salmo 65, tematicamente, busca compreender as dimensões socioambientais do poema. Nesse sentido, já a afirmação inicial da oração se torna chamativa: “Para ti, silêncio é louvor, ó Deus em Sião” (v. 2a). Na Bíblia Hebraica, ora contempla-se o “silêncio” da “noite” (Sl 22,3), o “silêncio” que acompanha o injustiçado quando ninguém o defende (Sl 39,3; 94,17), o “silêncio” da morte (Sl 115,17), a “pedra silenciosa” (Hab 2,19) e o desaparecimento “silencioso” de um poder opressivo (Is 47,5). Ora existe o “silêncio” deslumbrado da “alma”, quando esta descobre a “salvação” provinda de Deus (Sl 62,2), ou “a espera silenciosa pela salvação do SENHOR” (Lm 3,26). Neste sentido, o “silêncio” (v. 2a) no início do Salmo 65 talvez indique o momento da “preparação para o louvor”, assim como

⁸ SCHAEFER, Konrad. *Psalms*. Collegeville, Minnesota: Liturgical Press, 2001. p. 157.



é “antecipado que votos sejam cumpridos” (v. 2b).⁹ Também pode-se pensar em quem não é tão eloquente, diferente daquele que “bendiz todo o tempo, com o louvor sempre na boca” (Sl 34,2), ou seja, que “enche a boca” (Sl 71,8) e “faz os lábios jorrarem” (Sl 119,171) um “canto novo” (Sl 40,4; 149,1), “fazendo escutar a voz do louvor” (Sl 66,8). De fato, “é bom salmodiar, e o louvor é conveniente” (Sl 147,1), no sentido de que “haja louvor por parte de todos os fiéis” (Sl 148,14). No entanto, igualmente, o “silêncio” pode ser “louvor” (v. 2a). A própria natureza, silenciosamente, louva seu criador (Sl 69,35; 148,32x.4.7-10), com o ser humano juntando-se a “todo ser que respira” (Sl 150,6).

Além do “louvor” (v. 2a), o orante no Salmo 65 visa também ao “cumprimento de um voto” (v. 2b; cf. Sl 22,26; 50,14; 56,13; 61,6.9; 66,13; 116,14.18-19). Trata-se de “um autocompromisso solene de gratidão”, no sentido de, “se Deus faz o bem ao humano de muitas maneiras, então o humano também deve falar sobre isso”.¹⁰ Mais ainda, ganha atenção o gesto de alguém entrar nos “átrios” (v. 5b) do “templo” (v. 5d) para oferecer seu tributo a Deus, de acordo com o voto feito (cf. Dt 12,6.26). Em geral, a oferta será um “gado grande” e/ou um “gado pequeno” (Lv 22,21), acompanhado de outros produtos da terra (Nm 15,8-11).

Tudo isso, por sua vez, ocorre porque Deus, em princípio, é acreditado como “quem escuta” ou “escutador” daquele que a ele se dirige (v. 3a; Sl 4,4; 5,4; 6,9.10; 10,17; 18,7; 22,25; 28,6; 31,23; 34,7.18; 40,2; 55,18; 61,6; 66,18-19; 69,34; 94,9; 102,21; 106,44; 116,1; 145,19). Consequentemente, Deus ou o Senhor, de forma constante, torna-se destinatário dos seguintes pedidos: “Escuta minha oração!” (Sl 4,2; 39,13; 54,4; 84,9; 102,2; 143,1), “Escuta minha súplica!” (Sl 6,10), “Ouve minha oração!” (Sl 17,1; 55,2; 86,6), “Presta atenção à minha oração!” (Sl 61,2), “Que minha oração chegue diante de ti!” (Sl 88,3).

Assim, “toda carne chega” a Deus (v. 3b). De um lado, “a palavra ‘carne’ é figurativa para dizer pessoas (uma sinédoque), enfatizando como transitória e necessitada a condição delas” (Sl 78,39).¹¹ “Carne” (v. 3b) são os israelitas, mas também quem pertence à outra nação. Nesse sentido, é possível que o Salmo 65 “acolha o tema da peregrinação dos povos”, os

⁹ ROSS, Allen P. *A Commentary on the Psalms: Volume 2* (42-89). Grand Rapids, Michigan: Kregel, 2013. p. 413.

¹⁰ OEMING, Manfred; VETTE, Joachim. *Das Buch der Psalmen: Psalm 42-89*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2010. p. 139.

¹¹ ROSS, 2013, p. 413.



quais vão a Jerusalém para serem instruídos sobre o projeto de Deus (Is 2,2-4; Mq 4,1-4) ou que, simplesmente, chegam a conhecer o Deus de Israel (Is 40,5; 49,26; 66,23; Ez 21,4.10).¹² Além disso, porém, também os animais são “carne” (v. 3b). Servem como exemplo os “touro” com sua “carne” (Sl 50,13). Mais ainda, os Salmos estão conscientes de que “a extensão da atividade de Deus excede a esfera humana”.¹³ Assim, o Senhor “concede alimento ao gado e aos filhotes do corvo quando clamam” (Sl 147,9; Jó 38,41). Ou seja, por mais que, no Salmo 65, a “carne” (v. 3b) indique o ser humano, este último não é “toda carne” (v. 3b), mas um ser de carne no meio de outros seres de carne. Assim, já na primeira estrofe, mesmo que de forma indireta, dimensões ambientais estão presentes.

A próxima linha ou bicólon do poema introduz o tema dos “delitos” (v. 4a) e das “rebeldias” (v. 4b), realidades sociais que, em princípio, impedem o encontro com Deus. Mais exatamente, o orante menciona, no primeiro momento, “palavras de delitos” e/ou “atos delituosos” (v. 4a), sem que fique claro se ele é atingido por estes últimos ou os cometeu. Pressupõe-se, todavia, o conhecimento da proposta ética, que Deus revelou a seu povo quando o salvou da escravidão no Egito, e que é guardada na Torá, isto é, no Pentateuco. Prevê-se a construção de uma sociedade alternativa, justa e igualitária, com a sobrevivência digna de todos e o imperativo da ajuda ao necessitado. Toda oposição a essa proposta divina é avaliada como “rebeldia” (v. 4b) contra o Senhor, Deus de Israel, ou, com outras palavras, como “revolta” (Sl 5,11), “arrogância” (Sl 19,14), ausência de “pavor de Deus” (Sl 36,2) e/ou “ignorância” (Sl 107,17).

Como superar uma situação em que “delitos” (v. 4a) e “rebeldias” (v. 4b) “se tornam mais valentes” (v. 4a) do que o ser humano, lembrando que o substantivo hebraico traduzido como “delito” também significa “culpa”? No caso, os Salmos propõem a dinâmica de “confessar a rebeldia” e “não encobrir a culpa”, justamente para que Deus “a suporte” (Sl 32,5; 85,3), “lave” o culpado (Sl 51,4) e “afaste as rebeldias” (Sl 103,12). Ou seja, visa-se à “compaixão” divina, capaz de “expiar” (v. 4b) “a culpa, em vez de destruir” (Sl 78,38). Por mais que o “castigo” seja experimentado, Deus “não anulará sua lealdade e fidelidade” (Sl

¹² HOSSFELD, Frank-Lothar; ZENGER, Erich. *Psalmen 51-100*. Freiburg: Herder, 2000. p. 215.

¹³ STONE, Ken. *Reading the Hebrew Bible with Animal Studies*. Stanford, California: Stanford University Press, 2018. p. 141.



89,33), mas “perdoa toda culpa” (Sl 103,3) em vez de “recompensá-la” (Sl 103,10). Se não fosse assim, “delitos” e/ou “culpas ultrapassariam a cabeça” da pessoa (Sl 38,5) e a fariam “sucumbir” (Sl 106,43), sem chance de “alcançar a justiça” (Sl 69,28), sabendo-se que os “ignorantes em razão de condutas rebeldes”, por insistirem em “seus delitos”, apenas voltarão a serem “oprimidos” (Sl 107,17). Por isso, há urgência de o Senhor “redimir Israel de todas as suas culpas (Sl 130,8), em vez de “levá-las em conta” e, conseqüentemente, “ninguém ficar em pé” (Sl 130,3).

Contudo, no final da primeira estrofe do Salmo 65, o orante celebra a “felicidade” (v. 5a) de “quem é escolhido” (v. 5a) e convidado por Deus para “aproximar-se” (v. 5a), a fim de “habitar os átrios” (v. 5b) da “casa” (v. 5b) deste último e “saciar-se com a bondade” (v. 5c) e “a santidade do templo” (v. 5d). Tal realidade, ao mesmo tempo, é experiência individual e comunitária, o que, no Salmo 65, causa a variação entre o uso da primeira pessoa plural (vv. 4b.5c) e da primeira ou terceira pessoa singular (v. 4a.5b), como individualização do que acontece. Aliás, de forma semelhante, medita-se nos Salmos como o Senhor ora “escolheu um povo” ou “Israel” para si” (Sl 33,12; 135,4), ora “escolheu Davi” (Sl 78,70; 89,20) ou, “junto com Moisés, Aarão” (Sl 105,26). Isso não é uma contradição, assim como Deus, ao “escolher uma herança para Jacó” (Sl 47,5), no meio dela também “escolheu Sião” (Sl 132,13).

A função específica de “Sião” e, em especial, da “casa” de Deus (v. 5c) construída sobre o topo dele, isto é, do “templo” (v. 5d) com seus “átrios” (v. 5b), é favorecer que os seus visitantes “se saciem com a bondade” (v. 5c) e “a santidade” (v. 5d) que emanam desse lugar.¹⁴ O conceito de “bondade” (v. 5c), mencionado outra vez na terceira estrofe do poema (v. 12a), “descreve todas as bênçãos que as pessoas recebem no santuário, enriquecimento espiritual, assim como provisões de vida – o que quer que Deus lhes dê”.¹⁵ Lembra-se que, segundo os Salmos, a “bondade” pertence ao Senhor Deus (Sl 25,7; 27,13; 145,7), e isso de forma “abundante” (Sl 31,20), sendo que este precisa “ensiná-la” ao ser humano (Sl 119,66), a fim de que ela possa ser espelhada até pelo “bem-estar” e/ou pela “bondade de Jerusalém” (Sl 128,5). Neste sentido,

¹⁴ O texto massorético no *Códice de Leningrado*, manuscrito de 1008 d.C. acolhido pela edição crítica da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm, 1997), lê “o santo de teu templo” (v. 5d). A palavra “santo” é vocalizada como adjetivo construto. Transpondo apenas as vogais, é possível ler o substantivo construto provindo da mesma raiz verbal: “a santidade de teu templo” (v. 5d).

¹⁵ ROSS, 2013, p. 416.



“bondade” (v. 5c) e “santidade” (v. 5d) se tornam sinônimas. Deus é tido como “santo” (Sl 22,4; 99,3.5.9) e, assim, ele é o “santo de Israel” (Sl 71,22; 78,41; 89,19). Somente por isso é possível pensar no “templo” (Sl 5,8; 11,4; 79,1), no “lugar” (Sl 24,3), no “monte” (Sl 2,6; 3,5; 15,1; 43,3; 48,4; 87,1; 99,9), na “habitação” (Sl 68,6), na “casa” (Sl 93,5), no “esplendor” (Sl 29,2; 96,9), no “trono” (Sl 47,9), na “lembrança” (Sl 30,5; 97,12), no “espírito” (Sl 51,13), no “braço” (Sl 98,1), no “perfume” (Sl 89,21), nos “ornatos” (Sl 110,3), na “palavra” (Sl 105,42) e no “nome da santidade” (Sl 33,21; 103,1; 105,3; 106,47; 145,21) do Senhor, respectivamente na “santidade” dele (Sl 77,14; 89,36) ou no “santuário” (Sl 20,3.7; 28,2; 60,8; 63,3; 68,18.25; 74,3; 78,54; 102,20; 108,8; 114,2; 134,2; 138,2; 150,1).¹⁶

Resumindo: na primeira estrofe (vv. 2-5) do Salmo 65, o orante concentra seu olhar no “Sião” (v. 2a) e no “templo” (v. 5d), cultivando a esperança de um encontro individual e comunitário com “Deus” (v. 2a). “Silêncio” (v. 2a), “louvor” (v. 2a), “voto” (v. 2b), “oração” (v. 3a) e a confiança na “expição” (v. 4b) de “delitos” (v. 4a) e “rebeldias” (v. 4a) visam à “aproximação” (v. 5a) a Deus, para que se possa “saciar-se” (v. 5c) com a “bondade” (v. 5c) e a “santidade” (v. 5d) pertencentes a este último e experimentáveis no espaço sagrado da “casa” (v. 5c) dele. O orante se vê integrado na comunidade religiosa, fazendo parte dos que foram “escolhidos” (v. 5a), mas também tem consciência da força inerente às “palavras” e/ou “ações delituosas” (v. 4a). Por isso, é importante que “toda carne chegue a” Deus (v. 3b).

3 Segunda estrofe (vv. 6-9)

Eis a segunda estrofe da oração poética no Salmo 65:

- (6a) Há coisas temíveis:
- (6b) respondes-nos com justiça,
- (6c) ó Deus de nossa salvação,
- (6d) confiança de todos os extremos da terra e do mar dos distantes,
- (7a) quem firma montes com seu vigor,
- (7b) cingido de valentia,
- (8a) quem aplaca o bramido dos mares,

¹⁶ “Aarão” é chamado de “o santo do Senhor” (Sl 106,16). No entanto, também a santidade dele somente existe em forma de graça divina.



- (8b) o bramido de suas ondas e a agitação dos gentios.
- (9a) E os moradores dos extremos temeram teus sinais:
- (9b) fazes jubilarem os surgimentos da manhã e da tarde.

Na segunda estrofe (vv. 6-9) do Salmo 65, ao usar, logo no início, a palavra “Deus” (v. 6c) pela segunda vez, o olhar do orante agora vai para longe. Observando os espaços geográficos mencionados, percebe-se uma estrutura concêntrica: (a) “extremos da terra” (v. 6d), (b) “mar” (v. 6d), (c) “montes” (v. 7a), (b’) “mares” (v. 8a) e (a’) “extremos” (v. 9a). Com isso, entram no horizonte da reflexão os “distantes” (v. 6d), os “gentios” (v. 8b) e/ou os “moradores” (v. 9a) dessas terras longínquas.

Mesmo assim, “Deus” (v. 6c) continua a ser o assunto principal. Onze ações e qualidades lhe são atribuídas. Ele “responde” (v. 6b), “firma” (v. 7a), “aplaca” (v. 8a), “faz jubilar” (v. 9b) e é “cingido” (v. 7b). E a ele pertencem “justiça” (v. 6b), “salvação” (v. 6c), “confiança” (v. 6d), “vigor” (v. 7a), “valentia” (v. 7b) e “sinais” (v. 9a). Com isso, assim como na primeira estrofe (vv. 2-5), alcança-se também na segunda estrofe (vv. 6-9) o número de doze referências diretas a Deus, favorecendo a impressão de uniformidade literária.

No mais, a afirmação inicial – “Há coisas temíveis” (v. 6a) –, praticamente, funciona como um título para introduzir a nova unidade literária. Juntando ainda a observação de que existe uma moldura para os vv. 6-9, formada pelas palavras “temíveis” (v. 6a) e “temeram” (v. 9a), percebe-se a uniformidade e a autonomia relativa da segunda estrofe (vv. 6-9) do Salmo 65.

Tematicamente, a menção de “coisas temíveis” (v. 6a) inicia a reflexão. Em hebraico, trata-se de uma só palavra. Comumente, o Senhor, Deus de Israel, é contemplado como “temível” (Sl 47,3; 76,8; 96,4; 99,3). Descreve-se, assim, sua “alteza” (Sl 47,3) e/ou superioridade celestial, por estar “acima de todos a seu redor” (Sl 89,8; 96,4), mas também sua “grandeza” (Sl 47,3; 99,3), “força” (Sl 145,6), “ira” (Sl 76,8) e “santidade” (Sl 99,3; 111,9), e, com isso, suas “obras”, “feitos” e “ações junto ao ser humano” (Sl 66,3.5; 139,14), como, por exemplo, “as coisas temíveis junto ao Mar dos Juncos” (Sl 106,22) no momento da dinâmica exodal. Por isso, Deus até é “temido pelos reis da terra” (Sl 76,13).

A temibilidade de Deus, por sua vez, deriva em grande parte do fato de ele ser “justo juiz” (Sl 9,5), com “a justiça e o direito como fundamento de seu trono” (Sl 89,15; 97,2). Por isso, ele “responde com



justiça” (v. 6a), seja ao orante (Sl 4,2; 7,9; 35,24), seja ao “julgar o mundo” inteiro (Sl 9,9; 96,13; 98,9). Por consequência, isto é, por causa de a “justiça” ou “os julgamentos”, “as normas” ou “os mandamentos da justiça” serem de Deus (Sl 35,28; 48,11; 119,7.62.75.106.123.138.142.144.160.164.172), “a face” divina é “observada na justiça” (Sl 17,15), sendo que a compatibilidade com Deus surge quando este “guia” o fiel “por trilhas de justiça” (Sl 23,3). Enfim, a “justiça”, “anunciada pelos céus” (Sl 50,6; 97,6), também deve ser “proclamada” pelo ser humano (Sl 40,10) e tornar-se vivência e comportamento como “humildade justa” (Sl 45,50). Assim, “justiça e paz se beijarão” (Sl 85,11), e “a verdade brotará da terra”, porque “a justiça desponta dos céus” (Sl 85,12).

Conforme o orante no Salmo 65, esse é o caminho da “salvação” que “Deus” (v. 6c) propõe ao ser humano. Reconhece-se outra vez que “a bênção do SENHOR” consiste na prática da justiça”, a qual pertence a esse “Deus da salvação” (Sl 24,5). E a “verdade a ser ensinada” por este último (Sl 25,5), quando, ao “libertar e expiar os pecados dos seus” (Sl 79,9) por causa da “lealdade” dele (Sl 85,8), deixa “sua salvação próxima aos tementes a ele” (Sl 85,10).

No entanto, a partir do v. 6d, fica claro que “o domínio do Senhor não se restringe a Israel”, ao qual o orante no Salmo 65 pertence, mas visa à “extensão universal do reino de Deus”, o qual se estende “ao mundo inteiro”.¹⁷ O primeiro espaço geográfico mencionado consiste nos “extremos da terra” (v. 6d). O orante nos Salmos imagina que “o nome de Deus”, o qual sempre traz a memória da experiência exodal (Ex 3,14), e “o louvor dele” cheguem também até lá, com “a direita” divina “cheia de justiça” (Sl 48,11). Em certos momentos históricos, isso ocorre inclusive por meio de israelitas desterrados (Is 26,15). Enfim, prevalece a fé de que “todos” (v. 6d), não importa onde ou quando, de forma constante, dependem de sua “confiança” (v. 6d) em Deus (Sl 40,5; 71,5).

O segundo espaço geográfico mencionado na segunda estrofe do Salmo 65 é “o mar” (v. 6d) ou, no plural, os “mares” (v. 8a). Segundo os demais Salmos, trata-se do lugar das “correntezas” (Sl 24,2; 66,6), dos “peixes”, dos “répteis incontáveis”, ou seja, do que “nele se move” (Sl 69,35; 96,11; 98,7), isto é, dos “animais pequenos e grandes” (Sl 104,25) “que passam por suas veredas” (Sl 8,9), inclusive “os monstros marinhos” (Sl 74,13) e/ou o “leviatã” (Sl 104,25). Há “precipícios” (Sl

¹⁷ ROSS, 2013, p. 418.



68,23) e “montanhas no coração dele” (Sl 46,3). E Deus é acreditado como quem “juntou as águas do mar” (Sl 33,7), “fundou o mundo sobre os mares” (Sl 24,1-2) e “agita o mar com sua força” (Sl 74,13). Por isso, “o mar é dele”, porque “ele o fez” (Sl 95,5; 135,6; 146,6). O ser humano, por sua vez, vê “o mar” como “grande e espaçoso” (Sl 104,25), porque o atravessa com “navios” (Sl 104,26; 107,23). Além de observar como “a folhagem” ou vegetação terrestre “se estende até o mar” (Sl 80,12) e como há “areia” na beira dele (Sl 78,27), conhece as extensões “de mar a mar” (Sl 72,8; 107,3) e/ou “o final do mar” (Sl 139,9), imaginando nos “extremos” dele seres vivos “distantes” (v. 6d), humanos e/ou animais. Mais ainda, governantes procuram “colocar sua mão sobre o mar” (Sl 89,26), para estender seu domínio até longe. O povo dos oprimidos libertados, no entanto, descreve sua experiência exodal como “caminho pelo mar, em meio a águas abundantes” (Sl 77,20; 78,13), quando, embora “revoltando-se”, atravessa o “Mar dos Juncos” (Sl 106,7), “repreendido e secado” por seu Deus até que aparecessem seus “abismos como o deserto” (Sl 106,9.22; 114,3.5; 136,13), enquanto “os inimigos são encobertos pelo mar” (Sl 78,53; 136,15).

Ora, com a reflexão dos Salmos sobre o mar, o ser humano é convidado a descobrir como existem forças infinitamente maiores que ele e “distâncias” incríveis (v. 6d). Ou seja, há espaços e seres coexistentes a ele, dos quais pouco ou nada conhece. Mais ainda, vale chegar à noção de que “Deus, não sendo antropocêntrico, preocupa-se com todas as suas criaturas”.¹⁸ O que, porém, talvez mais impressione e/ou assuste o ser humano ao pensar no “mar” (v. 6d) ou nos “mares” (v. 8a), provavelmente, sejam suas “ondas” (v. 8b; Sl 42,8; 89,10; 107,25.29), “ressacas” (Sl 42,8) ou “vagas” (Sl 42,8; 93,4), também compreendidas como “soberba do mar” (Sl 89,10). Escuta-se algo como um “bramido” (v. 8a.b), “estrondos” (Sl 93,4) ou “ribombo” (Sl 96,11; 98,7), quando um “vento tempestuoso eleva as ondas”, fazendo estas “subirem aos céus e descerem aos abismos” (Sl 107,25-26). Junto a isso, por sua vez, “desdobram-se as qualidades criadoras de Deus”.¹⁹ É ele “quem aplaca o bramido dos mares” (v. 8a; Sl 89,10), no sentido de “suas ondas se calarem” (Sl 107,29).

¹⁸ WATSON, Rebecca. *Creatures in Creations: Human Perceptions of the Sea in the Hebrew Bible in Ecological Perspective*. In: HUNT, Ailsa; MARLOW, Hilary (ed.). *Ecology and Theology in the Ancient World: Cross-Disciplinary Perspectives*. London: Bloomsbury Academic, 2019. p. 91.

¹⁹ HOSSFELD, Frank-Lothar; ZENGER, Erich, 2000, p. 217.



O que vale para o “mar” (v. 6d.8a), representante das profundezas, também é dito em relação aos “montes” (v. 7a), representantes das alturas. Atento ao ambiente e/ou à natureza, quem reza nos Salmos “levanta seus olhos para os montes” (Sl 121,1). Entre os “milhares de montes” (Sl 50,10-11), conhece alguns pelo nome: o “Mizar”, o “Hermon” (Sl 42,7), o “Basã” (Sl 68,16) e, sobretudo, o “Sião” (Sl 48,3.12; 74,2; 78,68; 125,1; 133,1). Ora imagina os “fundamentos dos montes” (Sl 18,8), ora os “cimos” (Sl 68,16-17), “topos” (Sl 95,4), “cabeças” (Sl 72,16) ou “alturas” (Sl 104,18). Reconhece a importância dos montes para a flora e a fauna. De um lado, observa como neles “brota capim” (Sl 147,8) e, por meio da construção de terraços agricultáveis, uma “abundância de cereais” (Sl 72,16). De outro lado, contempla como as regiões montanhosas se tornam o habitat de “camurças e texugos” (Sl 104,18), ou seja, de “todo animal, gado e ave” (Sl 50,10-11). Por isso, fala de “montes de alimentos” (Sl 76,5) e de que Israel teria “coberto os montes com sua sombra” (Sl 80,11). Afinal, “entre os montes, correm águas” (Sl 104,10), porque eles “bebem” a água da chuva (Sl 104,13). No mais, imagina-se nos Salmos como montes podem “fumegar” (Sl 104,32; 144,5), “vacilar” ou “trepidar” (Sl 46,3-4), “saltar” (Sl 114,4.6), serem “consumidos por chamas”, com os “bosques” atingidos pelo fogo (Sl 83,15), e “derreter-se” (Sl 97,5). Contrariamente a esses cenários ameaçadores, por sua vez, também se imagina o quanto “o monte Sião não vacila” (Sl 125,1), justamente porque outros “montes ao redor de Jerusalém” (Sl 125,2) exercem sua função protetora, ou como “montes e colinas” são capazes de oferecer “escape” (Sl 11,1) e de “trazer paz e justiça” (Sl 72,3).

Todavia, os Salmos guardam essas dimensões verdes e/ou ecológicas por serem religiosos. Falam dos “montes de Deus” (Sl 36,7), ou seja, de que são propriedade do criador, porque, “antes que as montanhas nascessem, desde sempre e para sempre, Deus é” (Sl 90,2). Quer dizer, os montes somente ganharam sua existência e visibilidade quando o criador fez fugirem “as águas que sobre eles se detinham” (Sl 104,6.8). De modo exemplar, por sua vez, a pertença dos montes a Deus fica evidente ao descobrir o quanto o “‘santuário’ e ‘monte’, conceitualmente, tornam-se idênticos”.²⁰ “O monte do SENHOR” (Sl 24,3) é “o monte da santidade” dele (Sl 2,6; 3,5; 15,1; 43,3; 48,2; 87,1; 99,19), “o monte que sua direita

²⁰ TALMON, Shemaryahu. הַר har; גִּבְעָה gibh'āh. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RING-GREN, Helmer. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Volume III. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 2015. p. 444.



adquiriu” (Sl 78,54) e em relação ao qual Deus “estabeleceu uma força” (Sl 30,8). Diante disso, surge até a resposta adequada, quando “os montes entoem seu júbilo” (Sl 98,8) e “louvor” (Sl 148,7.9).

Nesse contexto de ecoespiritualidade, bem se compreendem as afirmações do Salmo 65. “Deus” (v. 6c) é contemplado como “quem firma montes com seu vigor” (v. 7a), “cingido de valentia” (v. 7b), assim como “aplaça o bramido dos mares” (v. 8a). Ou seja, ao contemplar essas realidades gigantescas no meio da natureza, o orante descobre, justamente no “vigor das obras dele” (Sl 111,6), o “vigor” (v. 7a; Sl 29,4; 147,5) e a “valentia” (v. 7b; Sl 20,7; 21,14; 54,3; 66,7; 71,16.18; 80,3; 89,14; 106,2.8; 145,4.12; 150,2) de Deus. Observando o seguinte paralelismo, fica claro também que os “delitos” (v. 4a) e as “rebeldias” (v. 4b), por “mais valentes” (v. 4a) que sejam, precisam ser redimensionados quando comparados à “valentia” (v. 7b) do Deus criador.

E isso vale para a humanidade inteira. Por mais que, por parte dos “gentios” (v. 8b; Sl 2,1; 7,8; 9,9; 44,3; 47,4; 67,5; 105,44; 148,11), isto é, do conjunto dos “povos” (Sl 47,4; 67,5) ou das “nações” (Sl 2,1; 105,44) não israelitas, haja “agitação” (v. 8b), inclusive uma “agitação no sentido da “pompa dos numerosos perversos” (Sl 37,16) ou da “voz de júbilo e ação de graças em meio ao agitamento de uma reunião festiva” no templo (Sl 42,5), ela será “aplacada” (v. 8a) por Deus.

Em princípio, porém, já se observa o contrário. “Os moradores dos extremos” (v. 9a), ou seja, os habitantes dos lugares mais longínquos, começaram a “temer os sinais” de Deus (v. 9a). Tais “sinais”, acompanhados pelo discurso profético que anuncia a palavra de Deus, podem ocorrer como desastres ambientais, como aqueles no Egito faraônico, que queriam motivar decisões governamentais favoráveis aos hebreus oprimidos (Sl 78,43; 105,27; 135,9). Em comum, porém, de forma positiva”, trata-se, antes de tudo, das “saídas jubilosas de manhã e tarde” (v. 9b). Isto é, “os atos de salvação de Deus, inspiradores de temor, o seu controle soberano da natureza e sua provisão de recompensa da terra são os sinais que atraem as pessoas para o Senhor”.²¹

Resumindo: na segunda estrofe (vv. 6-9) do Salmo 65, o olhar do orante se alarga. Agora ele enxerga até os “extremos da terra” (vv. 6d.9a), incluídos “montes” (v. 7a) e “mares” (vv. 6d.8a). E considera a humanidade inteira, com os “distantes” (v. 6d), os “gentios” (v. 8b) estrangeiros

²¹ ROSS, 2013, p. 419-420.



e/ou os “moradores” longínquos (v. 9a). Mais ainda, conhecendo ou não a história da “salvação” (v. 6c) experimentada por Israel, descobre que, embora haja “agitações” (v. 8b) por parte de diversas populações, também há um surpreendente “temor” (v. 9a) a Deus entre os seres humanos, uma vez que, por parte do primeiro, existem “coisas temíveis” (v. 6a) e/ou “sinais” (v. 9a), toda “manhã” e toda “tarde” (v. 9b).

4 Terceira estrofe (vv. 10-14)

Seja escutada e/ou lida, então, a última unidade literária do Salmo 65:

- (10a) Cuidaste da terra e a regaste:
- (10b) muito a enriqueces.
- (10c) O canal de Deus está cheio de água:
- (10d) firmas o grão deles,
- (10e) porque é assim que a firmas.
- (11a) Encharcaste os sulcos dela,
- (11b) nivelaste seus torrões:
- (11c) amoleces-a com garoas,
- (11d) abençoa o broto dela.
- (12a) Coroaste o ano de tua bondade:
- (12b) tuas trilhas gotejam gordura.
- (13a) Pastagens desérticas gotejam,
- (13b) colinas se circundam de regozijo.
- (14a) Prados se vestiram com o gado pequeno,
- (14b) e os vales se cobrem de cereal:
- (14c) bradam, até cantam.

A terceira e última estrofe (vv. 10-14) do Salmo 65, outra vez (vv. 2a.6b), apresenta o vocábulo “Deus” (v. 10c), de forma marcante, logo no início dela. Chama a atenção do ouvinte-leitor que, na primeira estrofe, a palavra em questão ocorra no primeiro cólon (v. 2a), na segunda estrofe, no segundo cólon (v. 6b), e na terceira estrofe, no terceiro cólon (v. 10c). Desta vez, treze ações ou qualidades são atribuídas a “Deus” (v. 10c): ele “cuida” (v. 10a), “rega” (v. 10a), “enriquece” (v. 10b), duas vezes “firma” (v. 10d.e), “encharca” (v. 11a), “nivela” (v. 11b), “amolece” (v. 11c) “abençoa” (v. 11d), “coroa” (v. 12a), além de lhe pertencerem o “canal” (v. 10c), “bondade” (v. 12a) e “trilhas” (v. 12b). Portanto, de



forma direta, Deus ganha catorze vezes atenção na terceira estrofe. Novamente, um múltiplo do número sete serve como elemento estilístico e ajuda a conferir uniformidade à última unidade literária do Salmo 65. Seja ainda mencionado que o orante se dirige doze vezes a Deus com o uso da segunda pessoa singular, ora por flexionar o verbo dessa forma (vv. 10a2x.b.d.e.11a.b.c.d.12a), ora por usar o sufixo pronominal da segunda pessoa singular, traduzido como pronome possessivo (v. 12a.b).

Junta-se a isso a observação de que a terceira estrofe menciona oito espaços representativos do mundo da agricultura: “terra” (v. 10a), “canal” (v. 10c), “sulcos” (v. 11a), “trilhas” (v. 12b), “pastagens desérticas” (v. 13a), “colinas” (v. 13b), “prados” (v. 14a) e “vales” (v. 14b). Também ocorrem outras oito menções de seres abióticos, vegetais, animais ou produtos deles: “água” (v. 10c), “grão” (v. 10d), “torrões” (v. 11b), “garças” (v. 11c), “broto” (v. 11d), “gordura” (v. 12b), “gado pequeno” (v. 14a) e “cereal” (v. 14b). É possível que o número oito, por ser sete mais um, ilustre algo como uma superabundância. Em todo caso, “o campo semântico na terceira parte” do Salmo 65 “é dominado por termos agrários”, e até “a atuação do Senhor é descrita como atividade agrícola”.²²

Curioso também é que a soma das palavras formadoras das três estrofes resulta num número chamativo. Após o título (v. 1), o texto hebraico do poema lírico traz trinta e uma (vv. 2-5), trinta e uma (vv. 6-9) mais quarenta e três (vv. 10-14) palavras, o que resulta em cento e cinco, que é outro múltiplo de sete.²³ Enfim, tudo indica o quanto o Salmo 65 é um texto artisticamente composto.

Tematicamente, a terceira estrofe (vv. 10-14) destaca inicialmente “a terra” (v. 10a). Deus é contemplado como quem “cuida da terra” (v. 10a), assim como ele “cuida” do “ser humano”, do orante, de seu povo, que é a “videira” por ele plantada, e/ou das “nações”, também no sentido de “visitá-los”, ora para abençoar, ora para afligir (Sl 8,5; 17,3; 59,6; 80,15; 89,33; 106,4). O cuidado da terra, por sua vez, se concretiza sobretudo quando Deus “a rega” (v. 10a), semelhante ao enchimento ou até ao transbordamento de “lagares de mosto ou azeite” (Jl 2,24; 4,13). Assim, ao molhar a terra, Deus “a enriquece muito” (v. 10b), favorecendo-se a

²² SCHROER, Silvia. Psalm 65: Zeugnis eines integrativen JHWH-Glaubens? In: *Ugarit-Forschungen*, v. 22, p. 290, 1990.

²³ Essa observação foi feita por Pieter van der Lugt (*Cantos and Strophes in Biblical Hebrew Poetry II: Psalms 42-89*. Leiden: Brill, 2010. p. 209).



compreensão de que “somente a bênção do Senhor produz riqueza” (v. 11d; Pr 10,22).

Portanto, junto à “terra” (v. 10a), o assunto é a “água” (v. 10c), uma vez que a primeira precisa da segunda para tornar-se fértil e produtiva. Isto é, “a chuva sobre a terra, no tempo certo” (Dt 28,12), é a bênção que se espera de Deus. Pressupõe-se, com isso, “o envolvimento de Deus na natureza”, no sentido de que ele, como “parte ativa”, “atenda à terra”.²⁴ A imagem do “canal de Deus cheio de água” (v. 10c), de um lado, lembra os “canais” de irrigação (Sl 1,3; Pr 5,16; 21,1; Is 30,25) em “terra seca” (Is 32,2). De outro lado, de acordo com a “cosmovisão do Antigo Testamento, um canal para a chuva, passando pelo firmamento, conecta o oceano celeste com o espaço aéreo sobre a terra”, além de, talvez, existir “uma alusão aos canais da correnteza na cidade de Deus” (Sl 46,5).²⁵ Isto é, tanto “o canal de chuva” como “a correnteza do templo” correspondem à “imaginação no antigo Oriente” segundo a qual existem um “rio paradisíaco” (cf. Gn 2,10-14) e/ou uma “fonte no monte do templo”.²⁶

O orante no Salmo 65, por sua vez, concentra-se, sobretudo, no detalhe de que o “canal de Deus está cheio de água” (v. 10c). Ou seja, “a terra é fértil, porém, somente por causa das chuvas de Deus e do canal de água”, e, assim, há o “grão deles” (v. 10d), isto é, “de todos aqueles aos quais Deus concede viver na terra”.²⁷ É possível que o orante, na terceira estrofe (vv. 10-14) do Salmo 65, volte seu olhar novamente para Israel. Então, a terceira pessoa plural masculino do sufixo pronominal, traduzida como “deles” (v. 10d), refere-se aos conterrâneos de quem reza aqui. Nada, porém, exclui que a afirmação em direção a Deus – “firmas o grão deles” (v. 10d) – inclua a humanidade inteira.

O vocábulo “grão” (v. 10d; Sl 4,8; 78,24) leva a pensar, sobretudo, nos cereais da “cevada” (Ex 9,31), com trinta e quatro menções na Bíblia Hebraica, mas sem presença nos Salmos, e do “trigo” (Sl 81,17; 147,14), com trinta menções. A “espelta” (Ex 9,32; Is 28,25; Ez 4,9) e o “painço” (Ez 4,9) aparecem bem menos. Mais tarde, o Salmo 65 ainda irá mencionar o vocábulo “cereal” (v. 14b). Os “cereais eram as principais

²⁴ WESSELS, Wilhelm J. God the Creator: Contrasting Images in Psalm 65:10-14 and Jeremiah 23:9-15. In: *Old Testament Essays*, v. 23, n. 3, p. 850, 2010.

²⁵ HOSSFELD; ZENGER, 2000, p. 218.

²⁶ SCHROER, 1990, p. 290-291.

²⁷ WIERINGEN, 2014, p. 194.



culturas de campo dos israelitas”, seguidas pelas “leguminosas”, “linho, gergelim e vários outros tipos de especiarias”.²⁸

Todavia, o orante tem claro que, para “firmar o grão” (v. 10d), pensando nos processos da sementeira, da germinação das sementes, do nascimento do broto, do crescimento da planta, do surgimento da espiga e, nela, dos grãos, é preciso “firmar”, primeiramente, a terra (v. 10e), transformando-a em gleba. Nos Salmos, Deus, sempre de novo, é tido como quem “firma” algo ou alguém: ora são as “obras” cósmicas, os “fundamentos do mundo” (Sl 24,2), a “terra” (Sl 8,4; 74,16; 96,10; 119,90) ou “a chuva para a terra” (Sl 147,8), ora são o “coração”, o “espírito”, os “passos” ou as “obras das mãos” do ser humano (Sl 10,17; 37,23; 40,3; 51,12; 90,17; 119,73.133), mas também o “oprimido” (Sl 68,11), Davi (Sl 89,22) e a “descendência dele” (Sl 89,5), a “cidade” (Sl 48,9; 87,5; 107,36) e/ou a “herança esgotada” (Sl 68,10), ora são o “trono” celeste (Sl 9,8; 93,2; 103,19), a “fidelidade” (Sl 89,3) ou “retidão” (Sl 99,4) de Deus. No Salmo 65, o verbo em questão aparece logo três vezes. Deus é contemplado como quem ora “firma montes” (v. 7a), ora “o grão” (v. 10d) e “a terra” (v. 10a.e), uma vez que o sufixo pronominal feminino singular no v. 10e, traduzido como pronome oblíquo “a”, se refere à “terra” (v. 10a) anteriormente mencionada.

O processo de firmação da “terra” (v. 10a), por sua vez, é descrito, com vocábulos mais raros e de forma ainda mais detalhada, no v. 11. Aliás, seis sufixos pronominais da terceira pessoa singular feminino, traduzidos como “a” (vv. 10b.e.11c), “seus” (v. 11b) ou “dela” (v. 11a.d), se referem no texto hebraico, de forma igual, ao substantivo feminino “terra” (v. 10a). Com isso, o número sete, outra vez, funciona como elemento estilístico, oferecendo destaque ao assunto em questão. Ora, Deus é meditado agora como quem “encharca os sulcos” (v. 11a), “nivela os torrões” (v. 11b) e “amolece [a terra] com garças” (v. 11c).

O primeiro desses três elementos lembra o agricultor enquanto, ao conduzir um “bovino selvagem” (Jó 39,10), uma dupla de “bois” ou “jumentos” (Dt 22,10), ara seu campo para abrir “sulcos” (v. 11a), tendo, antes disso, limpo a terra de “plantas venenosas” (Os 10,4) e “pedras” (Os 12,12). Após a sementeira, a terra é arada na direção con-

²⁸ BOROWSKI, Oded. *Daily Life in Biblical Times*. Atlanta, Georgia: Society of Biblical Literature, 2003. p. 28.



trária, para deixar as sementes debaixo da terra.²⁹ O segundo elemento do “nivelamento dos torrões” (v. 11b) bem acompanha o primeiro. Tanto o trabalho preparatório com a enxada como a aradura visam, como um de seus objetivos, o processo de aligeirar a terra, amaciando-a onde ela se tornou dura e compacta. O terceiro elemento ou passo ocorre quando “garoas amolecem” a terra de vez (v. 11c), tornando-a fértil (Am 9,13). Agora, a humidade, em forma de chuvas e/ou “garoas” (v. 11c; Dt 32,2; Sl 72,6; Jr 3,3; 14,22; Mq 5,6) na quantia certa, ganha a maior importância, justamente para favorecer a germinação das sementes. “Os sulcos” precisam ficar “encharcados” (v. 11a; Is 55,10), como se eles “chorassem” (Jó 31,28; Is 16,9).

Eis a dinâmica através da qual Deus “abençoa” (v. 11d) a planta que resulta da semente lançada e germinada, isto é, o “broto” ou o “crescimento” dela (v. 11d; Gn 19,25; Is 4,2; 61,11; Ez 16,7; 17,9; Os 8,7). De um lado, nada “brota” sem que o Senhor tenha feito chover” (Gn 2,5). Do outro, a terra precisa ser preparada para o cultivo dos vegetais. Além disso, as circunstâncias sociopolíticas precisam permitir o trabalho do agricultor. Nesse sentido, Deus “faz brotar” (Sl 104,14; 147,8) e/ou algo “brota da terra” porque “a justiça desponta do céu” Sl 85,12). Em todo caso, os pedidos de Deus “abençoar” (v. 11d) ou a confiança nessa atitude de Deus são constantes nos Salmos (Sl 5,13; 28,9; 29,11; 37,22; 45,3; 67,2; 67,7-8; 72,17; 107,38; 109,28; 112,2; 115,12-13.15; 128,4-5; 132,15; 134,3; 147,13). O momento em que “a terra dá sua produção”, por sua vez, traz a noção da “bênção” divina de forma ímpar ao encontro de quem contempla a vida (Sl 67,7-8).

Talvez nesse sentido, o orante no Salmo 65 chegue a afirmar sobre Deus: “Coroaste o ano de tua bondade” (v. 12a). “Coroar” é completar felizmente uma etapa, uma tarefa: aqui, o ciclo e as tarefas agrícolas com a colheita”.³⁰ Outras três vezes nos Salmos Deus é pensado como quem “coroa” o ser humano, ora com seu “favor” (Sl 5,13), ora com sua

²⁹ Em relação à agricultura e aos instrumentos agrícolas, ver os seguintes verbetes: KOENEN, Klaus; MELL, Ulrich. Landwirtschaft. In: CRÜSEMANN, Frank; HUNGAR, Kristian; JANSSEN, Claudia; KESSLER, Rainer; SCHOTTROFF, Luise (ed.). *Sozial-geschichtliches Wörterbuch zur Bibel*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009, p. 329-335; KOENEN, Klaus; MELL, Ulrich. Landwirtschaftliche Geräte. In: CRÜSEMANN, Frank; HUNGAR, Kristian; JANSSEN, Claudia; KESSLER, Rainer; SCHOTTROFF, Luise (ed.). *Sozialgeschichtliches Wörterbuch zur Bibel*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009. p. 335-339.

³⁰ ALONSO SCHÖKEL, Luis; CARNITI, Cecilia. *Salmos I: Salmos 1-72*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2021. p. 827.



“glória” e seu “esplendor” (Sl 8,6), ora com sua “lealdade e compaixão”, justamente para saciar o futuro” do fiel “com o que é bom” (Sl 103,4-5). A “bondade” divina (vv. 5c.12a), pela segunda vez, também é o tema no Salmo 65. No final da primeira estrofe (vv. 2-5), ela é apresentada como mediada pela “casa” de Deus (v. 5c), ou seja, pelo “templo” (v. 5d). Na terceira estrofe (vv. 10-14), porém, a natureza e o ciclo do tempo, ligado à natureza, a transmitem. Afinal, o “ano” (v. 12a) se encontra vinculado às estações e, com isso, ao ritmo dos trabalhos agrícolas. Por mais que os “anos” se tornem experiência de “tormento e gemido” (Sl 31,11), da “maldade” (Sl 90,15), de “ilusão e pavor” (Sl 78,33), do “passado” (Sl 77,6) que se “esgota como um sussurro” ao chegar-se aos “setenta” ou oitenta anos” de vida (Sl 90,9-10), no que se refere a Deus, os “anos dele são de geração em geração” (Sl 102,25) e “não acabam” (Sl 102,28). A natureza, em princípio, parece espelhar bem essa realidade.

Após ter contemplado o trabalho com a “terra” (v. 10a), inclusive a importância das chuvas, das plantas e da produção dos “grãos” (v. 10d), o orante no Salmo 65 olha para o pastoreio (vv. 12b-14a). Ao mencionar as “trilhas” (v. 12b), é preciso pensar em caminhos menos espaçosos, usados pelos pastores para levarem o gado pequeno às “pastagens” (v. 13a) em regiões menos acessíveis e mais montanhosas (Is 26,7; 59,8; Sl 23,3; Pr 2.9.15; 4,11.26; 5,6.21). Às vezes, a estreiteza dessas “trilhas” e suas “beiras” até se tornam metáforas, indicando algo mais difícil a ser alcançado ou um perigo (Sl 17,5; 23,3; 140,6). No poema aqui investigado, por sua vez, “as trilhas” divinas “gotejam gordura” (v. 12b). Esta última, em geral, é a “gordura” de um animal ou a “cinza gordurosa” de um sacrifício animal (cf. Lv 1,16; 4,12; 6,3-4; 1Rs 13,3.5), embora a palavra hebraica também possa indicar a “oleosidade” do azeite, produto da “oliveira” (Jz 9,9). Num sentido mais amplo, a “gordura” representa algo “apetitoso” ou “delicioso” (Is 55,2), capaz de “encharcar” ou “saturar” (v. 11a) o “coração dos sacerdotes” e tornar-se “bondade” divina para o “povo” (Jr 21,14).

Faz parte da imagem no Salmo 65 que “as trilhas” (v. 12b) e as “pastagens desérticas” (v. 13a) “gotejam” e/ou “pingam” (v. 12b.13a) “gordura” (v. 12b). O verbo repetido lembra os “céus” e as “nuvens”, quando “escorrem” suas “gotas de água” (Is 45,8; Jó 36,27-28) ou seu “orvalho” (Pr 3,20). Aqui, porém, ora se visa às “trilhas” (v. 12b), nas quais o pastor caminha com o seu “gado pequeno” (v. 14a), e às “pastagens” (v. 13a). Estas últimas são procuradas em lugares mais “desérticos” (v. 13a) e/ou áridos, que, em determinados momentos, são atingidos pela



seca, “sem que alguém ainda passasse por eles ou se escutasse a voz do gado, sendo que até os pássaros abandonam a região” (Jr 9,9; 23,10; 25,37) e os “animais selvagens gritam porque os leitos de água secaram e uma chama queimou as árvores do campo” (Jl 1,19-20; Am 1,2). Em contrapartida, basta chover para que a vida volte à região, no sentido de as “pastagens desérticas” (v. 13a), novamente, “ficarem verdes e as árvores carregarem seu fruto”, inclusive a “figueira” e a “videira” (Jl 2,22). É o período em que o pastor pode fazer seu gado “reclinar em verdes pastagens e conduzi-lo para águas em lugares de repouso” (Sl 23,2). Eis “as pastagens de Deus” (Sl 83,13), “gotejantes” (v. 13a) dos melhores alimentos para o bem-estar dos animais.

Tais acontecimentos em meio à natureza tornam-se razão de alegria, dinâmica e/ou temática na qual o Salmo 65 culmina. É dito primeiramente que “as colinas se circundam de alegria” (v. 13b). Isto é, a volta da vida às anteriormente “pastagens desérticas” (v. 13a) transforma-se em experiência de força, como quando alguém “se circunda/cinge com uma espada” (Sl 45,4) ou com um “cinturão” (Sl 109,19). E, em nível de experiência de Deus, a impressão é sentir-se “circundado/cingido” por este último (Sl 76,11). Em termos de convivência com a natureza, por sua vez, ganha-se a ideia de que, agora, “regozijo” (v. 13b), comumente uma expressão humana (Sl 2,11; 9,15; 13,5-6; 14,7; 21,2; 16,9; 31,8; 32,11; 35,9; 43,4; 45,16; 48,12; 51,10; 53,7; 89,17; 97,8; 118,24; 149,2), acompanha as “colinas” (v. 13b; Sl 72,3; 114,4.6; 148,9) e/ou a “terra” (Sl 96,11; 97,1). Enfim, “nas estações secas, quase nada cresce na natureza selvagem, mas, após as estações chuvosas, os campos podem ser cobertos com grama e flores”, algo que, “para a visão poética do salmista, é como se as colinas estivessem revestidas de alegria”.³¹

As primeiras duas das últimas três linhas no poema lírico do Salmo 65 resumem o olhar para as pastagens e plantações. Afirmam-se sobre as primeiras que “os prados se vestiram com o gado pequeno” (v. 14a). Em determinada época do ano, de fato, nasce a impressão de que há “pastos extensos” (Is 30,23) e “preciosos” (Sl 37,20). E, quando o pastor leva o “gado pequeno” (v. 14a) para esses lugares mais afastados, tais regiões parecem “vestir-se” (v. 14a), ora com ovelhas, carneiros e cordeiros, ora com cabras, bodes e cabritos. Isto é, não “se vestem” somente Deus (Sl 93,1^{2x}; 104,1) e o ser humano (Sl 35,26; 109,18.29; 132,9.16.18), mas também a fauna. Além disso, a presença do “gado pequeno” (v. 14a) nos

³¹ ROSS, 2013, p. 423.



Salmos indica o quanto Israel se identifica com esses animais, sendo que, comumente, servem como imagem para o povo (Sl 44,12.23; 74,1; 77,21; 78,52; 79,13; 80,2; 95,7; 100,3; 107,41). Encanta também como “os filhotes do gado pequeno saltam” (Sl 114,4.6) e se medita o “aprisco” (Sl 78,70), a “reprodução” (Sl 144,13) e a “morte” (Sl 49,15) desses animais.

Em vista das plantações, por sua vez, o orante resume que “os vales se cobrem de cereal” (v. 14b). O verbo “cobrir-se” (v. 14b; Sl 73,6), de um lado, é paralelo ao verbo “vestir-se” (v. 14a) no cólon anterior; do outro, ele guarda também o significado de “inclinar-se para o lado” ou “virar” (Jó 23,9), o que, em princípio, ocorre com as espigas cheias de “grãos” (v. 10d) ou com o vegetal inteiro após um vento mais forte. Os “vales” (v. 14b), como lugares mais planos, são, por excelência, os espaços aproveitados para a “aradura” (1Sm 6,13; Is 17,5; Jó 39,10) e o cultivo de diversos “cereais” (v. 14b; Gn 41,35.49; 42,3.25; 45,23; Jr 23,28; Jl 2,24; Am 5,11; 8,5-6; Sl 72,16; Pr 11,26), bem precioso para a alimentação do ser humano. O substantivo hebraico “cereal” (v. 14b), no caso, nasce da raiz verbal a ser compreendida como “separar, limpar e/ou purificar” (Sl 18,27^{2x}), processo a ser iniciado após a colheita, quando ocorrem a debulha, as peneirações e a estocagem dos grãos.

Enfim, “prados vestidos com gado pequeno” (v. 14a) e “vales cobertos de cereais” (v. 14b) são animadores. Nesse sentido, “a alegria e a maravilha desses resultados, dificilmente, podem ser enfatizadas de modo suficiente em comunidades agrícolas, onde a chuva significa a diferença entre vida e morte”.³² É o momento de “regozijo” (v. 13b), “brado” (v. 14c; cf. Sl 47,2; 66,1; 81,2; 95,1.2; 98,4.6; 100,1) e “canto” (v. 14c). O contexto imediato do Salmo 65, por sua vez, favorece a compreensão de que, agora, “a terra levante sua própria voz de louvor para responder às ações graciosas oriundas da iniciativa de Deus”.³³ Isto é, a criação inteira entoia um canto: vegetais e animais, espaços geográficos elementos abióticos, e, caso não fique somente na escuta, o ser humano junto com todos esses seres que com ele coexistem. Assim, o “canto” (v. 14c) desse coral formado por todas as criaturas substitui o “silêncio” (v. 2a) inicial. Afinal, “a forma mais profunda e vivificante e transformadora da vida, pela qual podemos recuperar nosso lugar no mundo como criaturas

³² TATE, Marvin E. *Psalms 51-100*. Dallas, Texas: Word Books, 1990. p. 144.

³³ WALLACE, Howard N. *Jubilate Deo omnis terra: God and Earth in Psalm 65*. In: HABEL, Norman C. (ed.). *The Earth Story in the Psalms and the Prophets*. Sheffield: Academic Press, 2001. p. 59.



ao lado das outras criaturas parceiras, é através da temática bíblica da adoração que toda a criação oferece a Deus”.³⁴

Resumindo: na terceira estrofe (vv. 10-14) do Salmo 65, o orante visa à produtividade da “terra” (v. 10a). Em especial contempla como esta, após receber a “água” (v. 10c) das chuvas e “garças” (v. 11c), produz de forma esplêndida. Os campos, com seus “sulcos” (v. 11a), “torrões nivelados” (v. 11b), “brotos” das plantas novas (v. 11d) e a produção de “cereais” (v. 14b), mas também as “pastagens” (v. 13a) e os “prados” (v. 14a), com o “gado pequeno” multiplicado (v. 14a), tornam-se imagem e expressão da “bondade” divina durante o “ano” (v. 12a).

Considerações finais

O presente estudo do Salmo 65 encaixa-se nos exercícios exegéticos que promovem leituras verdes dos textos bíblicos. Confirma-se, assim, a “atenção significativa da Bíblia em relação à criação, ao cosmo, à agricultura e à fertilidade, além da história e salvação”.³⁵ Ou, com outras palavras, a oração poética aqui investigada exemplifica o quanto “os Salmos, equipados com elegância literária e cheios de imagens e metáforas, favorecem a imaginação e redimensionam perspectivas”, proporcionando uma compreensão da realidade “junto com a criação, e não superior ou contra a criação”.³⁶

No entanto, o Salmo 65 acolhe a questão ambiental de forma poética e conjugada com outras temáticas. Reconhece-se, de um lado, a configuração literário-artística do poema, seu ritmo e sua melodia, e como o texto, em determinados momentos, põe ênfase no assunto tratado. Nesse sentido, a presente investigação traz observações ainda não registradas em outros estudos exegéticos. De outro lado, ao acolher o poema inteiro, valorizando, inclusive, o contexto literário do Salmo 65 – de forma imediata, o livro dos Salmos e, num sentido mais amplo, toda a Bíblia Hebraica –, descobre-se como as dimensões antropológicas e sociais, ambientais e teológicas se sobrepõem e/ou mutuamente se enriquecem.

³⁴ BAUCKHAM, Richard. *The Bible and Ecology: Rediscovering the Community of Creation*. Waco, Texas: Baylor University Press, 2010. p. 76.

³⁵ STONE, Ken. *Reading the Hebrew Bible with Animal Studies*. Stanford, California: Stanford University Press, 2018. p. 141.

³⁶ BROWN, William P. “Deep Calls to Deep”: The Ecology of Praise in the Psalms. In: MARLOW, Hilary; HARRIS, Mark (ed.). *The Oxford Handbook of The Bible and Ecology*. Oxford: University Press, 2022. p. 167.



No caso, o Salmo 65 contempla o ser humano. Ora contempla este como membro da comunidade religiosa que adere ao Deus de Israel, celebra sua religiosidade e, apesar de suas falhas morais, procura pela bondade divina no espaço sagrado (vv. 2-6). Ora enxerga a humanidade inteira, que, por descobrir os sinais da presença de Deus, semelhantemente chega a temê-lo e a pôr sua confiança nele (vv. 6-9).

De forma mais extensa ainda, o Salmo 65 se interessa pelas questões ambientais. Visita diversos espaços geográficos. Além do âmbito do templo em Sião (vv. 2-5), ora olha para a terra inteira, com os mares e as montanhas, imaginando até os extremos da terra (vv. 6-9), ora mira a terra como pastagem e solo agricultável (vv. 10-14). Em relação a esta última parte, impressiona a sensibilidade em relação ao conjunto das ações e das condições que fazem a terra produzir.

Constantemente, por sua vez, o Salmo 65, em todas as estrofes, destaca a importância de Deus. No início, o orante cultiva a esperança de que Deus ofereça sua bondade salvadora aos que o visitam no templo de Sião (vv. 2-5). Em seguida, ao visar à terra inteira, o orante descreve Deus como criador, cujo domínio abrange as maiores forças no meio da natureza e da humanidade, mesmo que esta fique inquieta e agitada (vv. 6-9). Por fim, o orante celebra a bondade de Deus ao descobrir o quanto este cuida da terra, proporcionando-lhe uma produção espetacular e fazendo com que, assim, ela, por si só, encante e cante (vv. 10-14).

Referências bibliográficas

ALONSO SCHÖKEL, Luis; CARNITI, Cecilia. *Salmos I: Salmos 1-72*. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2021.

BAUCKHAM, Richard. *The Bible and Ecology: Rediscovering the Community of Creation*. Waco, Texas: Baylor University Press, 2010.

BÖHLER, Dieter. *Psalmen 1-50*. Freiburg: Herder, 2021.

BOROWSKI, Oded. *Daily Life in Biblical Times*. Atlanta, Georgia: Society of Biblical Literature, 2003.

BROWN, William P. “Deep Calls to Deep”: The Ecology of Praise in the Psalms. In: MARLOW, Hilary; HARRIS, Mark (ed.). *The Oxford Handbook of The Bible and Ecology*. Oxford: University Press, 2022. p. 166-183.



DELL, Katharine J. The Significance of the Wisdom Tradition in the Ecological Debate. In: HORRELL, David G.; HUNT, Cheryl; SOUTH-GATE, Christopher; STAVRAKOPOULOU, Francesca (ed.). *Ecological Hermeneutics: Biblical, Historical and Theological Perspectives*. New York: T&T Clark, 2010. p. 56-69.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (ed.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. Ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

GRENZER, Matthias; RAMOS, Marivan Soares. Água nos Salmos: Elementos para uma ecoespiritualidade. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 80, n. 317, p. 750-763, 2020.

GRENZER, Matthias. Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro. Eco-espiritualidade no Salmo 92. In: *Atualidade Teológica*, v. 24, n. 64, p. 66-86, 2020.

GRENZER, Matthias; AGOSTINHO, Leonardo Henrique Silva. Árvores nos Salmos: Elementos para uma educação espiritual e ambiental. In: *Encontros Teológicos*, v. 36, n. 2, p. 439-456, 2021.

GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas; DANTAS, José Ancelmo Santos. Pássaros nos Salmos: Elementos para uma ecoespiritualidade. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 82, n. 321, p. 115-129, 2022.

HORRELL, David G. Ecological Hermeneutics: Origins, Approaches, and Prospects. In: MARLOW, Hilary; HARRIS, Mark (ed.). *The Oxford Handbook of The Bible and Ecology*. Oxford: University Press, 2022, p. 19-34.

HOSSFELD, Frank-Lothar; ZENGER, Erich. *Psalmen 51-100*. Freiburg: Herder, 2000.

KOENEN, Klaus; MELL, Ulrich. Landwirtschaft. In: CRÜSEMANN, Frank; HUNGAR, Kristian; JANSSEN, Claudia; KESSLER, Rainer; SCHOTTROFF, Luise (ed.). *Sozialgeschichtliches Wörterbuch zur Bibel*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009. p. 329-335.

KOENEN, Klaus; MELL, Ulrich. Landwirtschaftliche Geräte. In: CRÜSEMANN, Frank; HUNGAR, Kristian; JANSSEN, Claudia; KESSLER, Rainer; SCHOTTROFF, Luise (ed.). *Sozialgeschichtliches Wörterbuch zur Bibel*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009. p. 335-339.

LUGT, Pieter van der. *Cantos and Strophes in Biblical Hebrew Poetry II: Psalms 42-89*. Leiden: Brill, 2010.



OEMING, Manfred; VETTE, Joachim. *Das Buch der Psalmen: Psalm 42-89*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2010.

RENSBERGER, David. Ecological Use of the Psalms. In: BROWN, William P (ed.). *The Oxford Handbook of the Psalms*. New York: Oxford University Press, 2014. p. 608-620.

ROSS, Allen P. *A Commentary on the Psalms: Volume 2 (42–89)*. Grand Rapids, Michigan: Kregel, 2013.

SCHAEFER, Konrad. *Psalms*. Collegeville, Minnesota: Liturgical Press, 2001.

SCHROER, Silvia. Psalm 65: Zeugnis eines integrativen JHWH-Glaubens? In: *Ugarit-Forschungen*, v. 22, p. 285-301, 1990.

STONE, Ken. *Reading the Hebrew Bible with Animal Studies*. Stanford, California: Stanford University Press, 2018.

TATE, Marvin E. *Psalms 51-100*. Dallas, Texas: Word Books, 1990.

TALMON, Shemaryahu. har הָרָ; gibh'āh גִּבְעָה. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Volume III. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 2015. p. 427-447.

WALLACE, Howard N. Jubilate Deo omnis terra: God and Earth in Psalm 65. In: HABEL, Norman C. (ed.). *The Earth Story in the Psalms and the Prophets*. Sheffield: Academic Press, 2001. p. 51-64.

WATSON, Rebecca. Creatures in Creations: Human Perceptions of the Sea in the Hebrew Bible in Ecological Perspective. In: HUNT, Ailsa; MARLOW, Hilary (ed.). *Ecology and Theology in the Ancient World: Cross-Disciplinary Perspectives*. London: Bloomsbury Academic, 2019. p. 91-101.

WESSELS, Wilhelm J. God the Creator: Contrasting Images in Psalm 65:10-14 and Jeremiah 23:9-15. In: *Old Testament Essays*, v. 23, n. 3, p. 846-860, 2010.

WIERINGEN, Archibald L. H. M. van. Psalm 65 as Non-Appropriation Theology. In: *Biblica*, v. 95, n. 2, p. 179-197, 2014.